

PONTO DIGITAL FOTOGRAFIA PRETA: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO POPULAR E ANTIRRACISTA NO INTERIOR DA BAHIA

Isana Barboza Costa¹; Aristanan Pinto Neri da Silva²

¹ Casa de Cultura, Esporte e Cidadania Dona Joana, Água Fria, BA, Brasil,
isana.costa@nova.educacao.ba.gov.br

² Casa de Cultura, Esporte e Cidadania Dona Joana, Água Fria, BA, Brasil,
aris.pinto2011@gmail.com

Introdução

As desigualdades educacionais no Brasil atingem de forma mais intensa estudantes pertencentes a grupos socialmente vulnerabilizados, especialmente jovens negros, moradores de territórios rurais e comunidades quilombolas. Embora políticas públicas tenham ampliado o acesso ao ensino superior nas últimas décadas, persistem barreiras estruturais associadas às desigualdades sociais, raciais e territoriais que dificultam o ingresso e a permanência desses estudantes nas instituições de ensino.

Nesse contexto, iniciativas de educação popular, como os cursinhos pré-vestibulares comunitários, têm se consolidado como estratégias relevantes para a democratização do acesso à educação superior e para o fortalecimento de práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social. A educação popular, segundo Freire (1996), fundamenta-se em processos educativos baseados no diálogo e na valorização das experiências dos sujeitos, compreendendo o ensino como prática que possibilita a construção coletiva do conhecimento.

No campo da educação das relações étnico-raciais, Gomes (2017) destaca a importância da construção de práticas pedagógicas que enfrentem o racismo e valorizem a diversidade cultural no espaço educacional. De forma complementar, Munanga (2005) ressalta que o racismo estrutural presente na sociedade brasileira também se manifesta no sistema educacional, contribuindo para a manutenção de desigualdades históricas. Nesse sentido, Arroyo (2012) afirma que as trajetórias escolares de estudantes das classes populares são marcadas por processos de exclusão, sendo necessário reconhecer esses sujeitos como protagonistas de seus processos formativos.

Diante desse cenário, o presente trabalho tem como objetivo analisar a experiência de um cursinho popular desenvolvido no interior da Bahia como estratégia de fortalecimento da educação de jovens de comunidades rurais e quilombolas, bem como de construção de práticas pedagógicas voltadas à formação docente crítica e comprometida com a educação das minorias.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada na sistematização e análise de uma experiência educativa desenvolvida no âmbito do projeto Ponto Digital Fotografia Preta, vinculado à Casa de Cultura, Esporte e Cidadania Dona Joana. A

investigação baseia-se no relato e na reflexão sobre práticas pedagógicas realizadas em um cursinho popular voltado à preparação de estudantes para o acesso ao ensino superior.

O projeto foi desenvolvido entre julho de 2025 e janeiro de 2026 no distrito de Pataíba, município de Água Fria, interior da Bahia, atendendo jovens provenientes de comunidades rurais e da comunidade quilombola Curral de Fora. As atividades educativas incluíram aulas preparatórias para exames de ingresso no ensino superior, formação em informática básica e ações voltadas ao fortalecimento do letramento digital.

A análise da experiência considerou documentos institucionais do projeto, materiais didáticos produzidos pelos educadores — incluindo a cartilha digital educativa — e registros das práticas pedagógicas realizadas durante o desenvolvimento do cursinho. A interpretação dos dados foi orientada por referenciais da educação popular, da pedagogia crítica e dos estudos sobre educação das relações étnico-raciais.

Resultados e Discussões

A experiência do cursinho popular evidenciou o potencial das iniciativas comunitárias de educação como estratégias de enfrentamento das desigualdades educacionais em territórios marcados por vulnerabilidades sociais. A participação de estudantes provenientes de comunidades rurais e da comunidade quilombola Curral de Fora revelou a importância de propostas pedagógicas que dialoguem com as realidades socioculturais dos sujeitos envolvidos, reconhecendo suas trajetórias e experiências como elementos fundamentais no processo educativo.

Durante o desenvolvimento das atividades, observou-se que muitos estudantes enfrentavam dificuldades relacionadas ao acesso a recursos educacionais e tecnológicos, além de lacunas formativas decorrentes das desigualdades estruturais presentes no sistema educacional. Conforme argumenta Munanga (2005), o racismo estrutural contribui para a manutenção dessas desigualdades ao limitar as oportunidades educacionais da população negra.

Nesse contexto, o cursinho popular passou a atuar como um espaço de fortalecimento das trajetórias educacionais desses jovens, oferecendo não apenas conteúdos acadêmicos voltados à preparação para exames, mas também oportunidades de reflexão crítica sobre as desigualdades sociais e raciais presentes na sociedade brasileira. Essa perspectiva dialoga diretamente com a concepção de educação defendida por Freire (1996), que compreende o processo educativo como prática de liberdade e de transformação social.

As práticas pedagógicas desenvolvidas priorizaram metodologias participativas e dialógicas, buscando relacionar os conteúdos escolares com as experiências de vida dos estudantes. Essa abordagem permitiu ampliar o engajamento dos participantes e favorecer uma aprendizagem mais significativa. Como afirma Freire (1996, p. 67), “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Outro aspecto relevante foi a incorporação de debates sobre identidade racial, história da população negra e valorização das culturas afro-brasileiras. A presença de estudantes provenientes de comunidade quilombola contribuiu para a ampliação dessas discussões, fortalecendo processos de reconhecimento identitário e pertencimento social. Nesse sentido, Gomes (2017) destaca que a construção de uma educação antirracista exige a valorização dos saberes e das experiências históricas da população negra no espaço escolar.

Além disso, a experiência evidenciou a importância de reconhecer os conhecimentos produzidos em contextos populares e comunitários. Segundo Santos (2019, p. 31), as epistemologias do Sul buscam valorizar saberes historicamente invisibilizados, afirmando que “não há justiça social global sem justiça cognitiva global”. Essa perspectiva permite compreender que iniciativas de educação popular também contribuem para ampliar o reconhecimento de diferentes formas de produção de conhecimento.

Outro resultado relevante foi a elaboração da cartilha digital educativa utilizada como material de apoio pedagógico no cursinho. A produção desse material contribuiu para a sistematização dos conteúdos trabalhados nas aulas e para o fortalecimento do processo de aprendizagem dos estudantes, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de habilidades relacionadas ao uso de tecnologias digitais.

Observou-se também que o cursinho popular se constituiu como um espaço de aprendizagem para os próprios educadores envolvidos no projeto. A necessidade de desenvolver práticas pedagógicas adaptadas às realidades sociais dos estudantes favoreceu reflexões sobre o papel do docente na construção de uma educação inclusiva. Nesse sentido, a experiência contribuiu para processos de formação docente baseados na articulação entre teoria e prática, conforme discutido por Arroyo (2012) ao enfatizar a importância de reconhecer os sujeitos populares como protagonistas nos processos educativos.

Entre as principais vantagens da iniciativa, destaca-se a possibilidade de promover uma educação contextualizada e comprometida com as demandas sociais das comunidades atendidas. O cursinho popular também favoreceu a construção de vínculos entre educadores e estudantes, fortalecendo processos educativos mais participativos e colaborativos.

Entretanto, algumas limitações também foram identificadas, como a restrição de recursos materiais e tecnológicos e a dependência do engajamento voluntário de educadores para a continuidade do projeto. Apesar dessas limitações, os resultados indicam que iniciativas comunitárias de educação podem desempenhar papel relevante na redução das desigualdades educacionais e na promoção de práticas pedagógicas voltadas à educação das minorias sociais.

Conclusões

A experiência analisada evidencia que iniciativas de educação popular, como os cursinhos comunitários, podem contribuir significativamente para a ampliação do acesso à educação superior de jovens pertencentes a grupos socialmente vulnerabilizados, especialmente estudantes oriundos de comunidades rurais e quilombolas. As práticas pedagógicas desenvolvidas no projeto demonstram que a articulação entre educação popular, inclusão digital e debates sobre relações étnico-raciais favorece a construção de processos educativos mais críticos e socialmente comprometidos.

Os resultados também indicam que experiências educativas desenvolvidas em contextos comunitários podem se constituir como espaços relevantes de formação docente, na medida em que possibilitam a construção de práticas pedagógicas fundamentadas no diálogo, na valorização das identidades culturais e no reconhecimento das trajetórias sociais dos estudantes. Nesse sentido, o projeto analisado contribui para fortalecer perspectivas de educação voltadas



à promoção da equidade educacional e ao enfrentamento das desigualdades sociais e raciais presentes no sistema educacional brasileiro.

Por fim, destaca-se que o fortalecimento de iniciativas de educação popular depende do reconhecimento institucional e da ampliação de políticas públicas que valorizem práticas educativas comprometidas com a educação das minorias e com a democratização do acesso ao conhecimento.

Palavras-chave:

Desigualdades educacionais; educação antirracista; comunidades quilombolas; inclusão digital.

Referências:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ARROYO, Miguel González. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2012.

